

Nur na escuridão: histórias da imigração

Maria Zilda Ferreira Cury (UFMG)¹

As Américas sempre atraíram viajantes ao longo das fases de sua história: naturalistas incumbidos de levantar as possibilidades de exploração do Novo Mundo, cientistas seduzidos por uma natureza exótica, colonos, aventureiros em busca de riquezas, ou ainda pessoas expulsas de suas terras de origem, constrangidas a emigrar fugindo da fome ou de perseguições políticas ou religiosas. "Fazer a América" foi dístico dos séculos XIX e XX a seduzir mentes e corações, atraindo grandes levas de imigrantes. Tais viajantes registraram impressões, análises, sentimentos sobre a nova terra: relatos de viagem, cartas, produções literárias, publicações políticas ou científicas, escritos que colocam na mesma pauta “as vozes daqui e de lá”, a matéria sempre inventada da memória.

Em número de libaneses imigrados, o Brasil é líder na América Latina². Talvez por isso mesmo a presença dos libaneses e seus descendentes pode ser reconhecida na literatura brasileira, onde aparecem quer como personagens, quer assinando os livros que recuperam em textos ficcionais as memórias da imigração de suas famílias, quer ainda como escritores já distanciados das questões da imigração *stricto sensu*, mas ainda exibindo nos nomes e nos modos de narrar a ascendência oriental.

¹ Maria Zilda Ferreira Cury- Professora do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (UFMG)Doutora em Literatura Brasileira (USP). Bolsista do CNPq;Principais livros: *Um mulato no Reino de Jambon: classes sociais em Lima Barreto*; *Horizontes modernistas: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal*; *Navio de imigrantes, identidades negociadas*.

Mia Couto: espaços ficcionais. (em co-autoria com Maria Nazareth Soares Fonseca)

Literatura e imigração: sonhos em movimento. (organizadora)

Intelectuais e vida pública: migrações e mediações. (organizadora)

Topografias da cultura: representação, espaço e memória. (organizadora)

Mobilidades culturais: agentes e processos. (organizadora).

Vários ensaios em revistas, em livros no Brasil e no Exterior

² “Os imigrantes não europeus foram ignorados por muito tempo pela historiografia. A ausência causa estranheza se levarmos em conta as milhões de pessoas envolvidas, formadoras das múltiplas identidades brasileiras, muito tempo antes dos meios de transporte modernos que facultavam um deslocamento mais rápido” (LESSER, 1999, p. IX).

Nur na escuridão, livro de memórias do escritor Salim Miguel, apresenta ao leitor a saga de uma família de imigrantes libaneses. Luz – *Nur*, em árabe - foi a primeira palavra aprendida na nova terra, na nova língua, pela família de Yussef Miguel, na verdade, Yussef Jahnahr, que acabou

(...) vindo parar no Brasil e virando Miguel (...) talvez pelo passaporte francês, Michel, talvez a dificuldade na pronúncia em português do sobrenome, logo que cheguei ao Brasil virei Miguel, mais rápido que José ou “seu Zé Gringo”, durante um bom tempo um estranho Yussef (...) aqui no Brasil acaba-se é abandonando os nomes mais complicados e prenome vira sobrenome (MIGUEL, 1999, p. 21).³

O narrador alterna o relato de memórias com pequenos trechos da autobiografia do pai.⁴ Este jogo narrativo duplo confere dinâmica expressiva ao romance, ao permeá-lo com a visão de pelo menos duas gerações de imigrantes, mas ao mesmo tempo por finalmente revelar-se um discurso híbrido a misturar a escrita de si, a (pretensa) transcrição da escrita do outro e o discurso histórico.

Privilegiando os acontecimentos da história familiar – malha através da qual são filtrados os acontecimentos da história do país - o romance ficcionaliza uma saga de imigração, emblematicamente transformando a família de libaneses num espaço de enunciação alternativo à história oficial. Boris Fausto diz que, embora não exclusivamente, a vida privada do imigrante se encontra no lar e na família (FAUSTO. *In* SCHWARCZ, 1998), espaços em que o imigrante constrói as bases para a identidade compósita que assumirá na nova terra.

³ Todas as citações da obra remetem a esta edição, pelo que passaremos a indicar apenas o número da página entre parênteses, juntamente com a citação.

⁴ Os trechos da autobiografia *Minha vida*, de José Miguel, foram traduzidos do árabe por Alia Haddad, conforme a nota colocada antes do início do livro.

Em *Nur*, os acontecimentos marcantes da história do país – abolição da escravatura, ascensão de Getúlio Vargas, Revolução de 30, o Integralismo, a II Grande Guerra, a ditadura militar de 1964 – e os fatos mais corriqueiros do cotidiano brasileiro - o sucesso popular de cantores, a importância do rádio, a situação política mais miúda – se emparelham com o dia-a-dia da família de imigrantes: doenças, mortes, mudanças de casa e de estado, cartas de familiares, dificuldades financeiras, pequenas disputas domésticas. Ao lado de personagens registrados pela historiografia oficial, desfilam os tipos característicos das cidades de interior onde morou a família: poetas, políticos, comerciantes, livreiros, agricultores, todos iguados na sua condição de personagens e compondo um “modo de ser brasileiro”, um modo de inserção na história e na História com as variadas negociações identitárias exigidas nos diferentes casos. As impressões sobre outros grupos étnicos, com suas diferenças, criam espaço para a enunciação outras vozes de imigrantes, traçando as fronteiras móveis da formação da população brasileira: “*o Rio, capital da República, as peculiaridades do povo, mistura de raças, de vozes, de hábitos, de costumes, ali havia de tudo, retrato do país, síntese do mundo*” (p. 34). Com estes outros grupos étnicos se “negocia”, menos os bens da “mascateagem”, ocupação logo marcada como própria aos imigrantes do Oriente Médio, e mais os valores do reconhecimento identitário:

Havia imigrantes, por ali, de variadas nacionalidades, cada qual com seu jeito peculiar, sua psicologia, sua maneira de reagir, precisavam saber chegar-se até eles, o alemão mais direto, o italiano mais maneiroso, português e espanhol parecidos, judeus e árabes não dispensavam desconto (p. 90).

Como nos registra Oswaldo Truzzi (TRUZZI, 1997, p. 97), os libaneses amavam suas origens fenícias, anteriores a Maomé, que os distinguiu dos árabes. Eram também muito orgulhosos da feição mais ocidentalizada de seu país de origem, seja no aspecto físico de suas cidades, seja pela grande influência da dominação francesa exercida sobre o

Líbano, protetorado da França por alguns anos.⁵ Embora falando o árabe, o libanês-cristão se tem a si próprio menos árabe que o libanês-muçulmano. A afirmação desta origem - fenícia e cristã, mais ocidentalizada - era peça importante, no Brasil, na negociação identitária que distinguia os libaneses cristãos de árabes ou libaneses muçulmanos, mas também de outros imigrantes orientais como japoneses ou chineses.

No romance, a memória se volta para fatos da história do Líbano, do mundo árabe, de uma nação reinventada pelo olhar sempre nostálgico do imigrante, valorizando as origens acima referidas:

Sozinho ou rodeado pelos seus, pouco importava, perdia-se em reminiscências, confundia-se. De repente era apenas o seu Líbano dos tempos de criança e adolescente que lhe surgia íntegro, era todo o mundo árabe que lhe tomava o peito de orgulho, mescla de vários mundos árabes, era o Líbano de muito antes dele, um Líbano que nem existira como tal, era um fabuloso país retirado de livros, das histórias, de narrativas orais, era um Líbano (MIGUEL, 2000, p.163).

O narrador tece uma trama marcadamente autobiográfica. Como uma espécie de *alter-ego* do escritor, traça a gênese de sua atividade e discute com o leitor as estratégias discursivas de recuperação da memória, com idas e vindas no tempo, obedecendo ao fluir das lembranças, procurando-as, misturando-as às referências literárias, adiantando ou retardando tempos, alternando espaços.

⁵ Desde meados do século XIX, a França vinha aumentando sua influência no Líbano, ainda sob o domínio otomano. Quando a Turquia, aliada da Alemanha, é derrotada na I Guerra Mundial, o Reino Unido e a França dividem entre si os territórios do Império Turco. O Líbano fica sob mandato francês até depois de 1920, só lhe sendo concedida a independência depois da II Grande Guerra.

Logo na abertura do primeiro capítulo, assumindo a linguagem mais própria a um roteiro cinematográfico⁶, marca-se uma cena inaugural, a origem da narrativa indicada simultaneamente à origem do narrador:

Anoitece.

Seis pessoas: três adultos, três crianças. Os adultos: faixa dos vinte anos. As crianças: a mais nova com menos de seis meses, o mais velho com pouco mais de três anos. Pai, mãe, tio, duas meninas, um menino (p.15).

Também no capítulo 27 – Fios – usa-se o mesmo recurso, com a repetição da frase *Nítida a cena*, a iniciar, contraditoriamente, cada tecido esgarçado de recordação. Recurso que, embora aludindo à clareza da memória, é desconstruído pelo próprio narrador: *O fluxo jorra e estanca inesperadamente. Necessário tecer a trama da paciência, com pertinente monotonia, em busca de uma ilusória eficácia, para, com lentidão, unir os fios, harmonicamente se possível* (p. 166).

A começar pelas três epígrafes que abrem o relato e com as quais o texto dialoga desde o primeiro capítulo, o romance vem contaminado por referências literárias as mais variadas: as narrativas das *Mil e uma noites* a que se articulam os relatos de Ti Adão, um velho ex-escravo, referências a inúmeros poetas árabes e a poetas e ficcionistas brasileiros. A primeira epígrafe, tirada de *A tempestade*, de Shakespeare, e que reproduz parte do diálogo entre Próspero e Miranda, é uma inquirição à capacidade de memorar, de lembrar. A segunda, de texto de Faulkner – *O passado nunca está morto; ele nem mesmo é passado* – completando a primeira, apresenta a impossibilidade do esquecimento, reiterando a atualidade da matéria lembrada. Finalmente, uma estrofe do longo poema *Recorda!* de Cruz e Sousa, que impele à memória, à volta no tempo como último recurso uma vez findos todos os desejos. As três referências dão a tonalidade que vai reger a narrativa: a recuperação do passado, muitas vezes tingida pela melancolia, o esforço consciente por

⁶ Salim Miguel assinou, como roteirista e produtor, o argumento do primeiro longa-metragem catarinense: "O Preço da Ilusão".

fazer aflorar a recordação, o projeto de registro - ainda que falido, ainda que esmaçado - da história da família, da infrutífera, mas sempre urgente busca de origens.

No relato também se encena a formação do escritor, em detalhes salpicados ao longo da narrativa: a fascinação pelos livros desde a infância, o esforço de ordenação dos acontecimentos, as alusões a poemas, mesmo a auto-nomeação a fazer-se outro para o leitor, voltando-se sobre si mesmo para flagrar-se no momento da escrita/lembança, confessando a dificuldade do projeto: *na livraria, o filho do seu Zé Gringo passa horas lendo em voz alta* (p. 194); *Anos mais tarde, o filho mais velho do seu Zé, impregnado pelo vírus da literatura, ensaiando seus primeiros textos, sentia-se impotente, incapaz de recriar o clima armado por Ti Adão (...)* (p. 202). A memória paterna assume igualmente feição performática, como que fotografada pelo narrador: *Cala. Pensa. Concentra-se. Se esforça. Se perde para se achar. Ativada, a memória recua. Busca resgatar o passado. Retirá-lo do mais fundo do tempo. Devassar o escuro abismo. Tornar hoje o ontem* (p. 15).

O relato de memórias é compreensivelmente estratégia narrativa recorrente na literatura contemporânea, sobretudo nos escritos que trazem o imigrante à frente da cena. Salman Rushdie (1992) nos diz que escritores emigrantes, exilados ou expatriados são invadidos por um sentido de perda que reclama com insistência um olhar que se volta para trás e que os faz criarem não cidades reais, mas aquelas invisíveis, uma terra natal imaginária, pertencente à memória.

Como em outros romances do escritor catarinense, o envelhecimento, a reflexão sobre a morte – cortes que se fazem nas ruínas do passado – são a matéria de *Nur*. Como o relato é feito a partir do ponto de vista do pai, em inúmeros *flash-backs*, é do ponto de vista de um velho que se constrói a narrativa.

Falando sobre a percepção espacial nos diferentes estágios da vida, o geógrafo chinês Yi-Fu Tuan define o elo afetivo entre a pessoa e o lugar como topofilia, conceito que, embora difuso, é bastante concreto enquanto experiência pessoal. Sobre a percepção do velho, o geógrafo assinala que o mundo é percebido como que encolhido:

A diminuição da mobilidade restringe ainda mais o mundo do velho, não somente no óbvio sentido geográfico

(...) Os jovens povoam o futuro com fantasias, enquanto que com o velho, é o passado distante que fornece o material para a fantasia e distorção (TUAN, 1980, p. 65).

E a memória, no romance, volta sempre ao mesmo ponto, é sempre o mesmo dia, o mesmo ano, reproduzindo a circularidade entre espaços que vai marcar um certo *ethos* do imigrante e evidenciar o fatalismo da visão de mundo dos árabes: *maktub*, o “estava escrito”, tantas vezes repetido, o cheiro da comida e frutas da terra natal, sempre tão melhores do que a de outros lugares, a lembrança da partida e da chegada.

O pai recua no tempo, fala de sua outra terra distante, dividido entre as duas, todo seu ser repartido – e pouco adianta discutir com ele, dizer que comparações são falaciosas, mostrar que o Líbano de décadas nem retrato na parede é mais, sumido, evaporado, basta acompanhar os noticiários. Não importa: o Líbano que o pai tem dentro é o que conta, e é desse que lhe interessa falar, das macieiras em flor, das tâmaras incomparáveis, dos figos de doçura inigualável, sumarentos a ponto do caldo escorrer pelos lábios, da azeitona e do azeite de oliva, da coalhada e do queijo de leite de cabra, das escarpas onde os cabritos se escondem, dos cedros do Líbano, tão altos tão grossos e rugosos (...) (p. 150-151).

Na terra de chegada, os estrangeiros logo despertam estranheza nos nativos. *Aquela estranha família chama a atenção pelos trajés, pelas ininteligíveis palavras entreouvidas, pelo comportamento* (p. 42). Também eles acham tudo estranho: a paisagem luxuriante, as roupas, as comidas e costumes.

Os sírio-libaneses (a Síria fazia parte do Império Otomano) vieram de países distintos como Líbano, Síria, Egito, Palestina, Turquia e Iraque. Em seus países natais,

além da perseguição religiosa, escasseavam as possibilidades de trabalho. Os primeiros imigrantes eram cristãos ortodoxos ou maronitas.⁷ Embora com diferenças na liturgia, o rito maronita faz parte do cristianismo e, diferentemente dos ortodoxos, se identifica com as doutrinas da Igreja Católica Romana. O fato de serem cristãos foi elemento importante na negociação de uma “identidade brasileira” pelos primeiros imigrantes libaneses, sobretudo porque os distinguia de outros asiáticos e já que a imigração árabe de muçulmanos só ocorreu mais significativamente depois da Segunda Guerra Mundial.

Apesar da perseguição religiosa ter sido um dos fatores que os impeliram a imigrar para o Brasil, os libaneses, como uma forma de se valorizarem, com orgulho exibiam o fato de terem vindo para cá “pelas próprias pernas” e não agenciados ou exilados como tantos outros imigrantes.

O Líbano fez parte do Império Otomano, islâmico, até 1926. Pressionados pela dominação otomana, tanto do ponto de vista religioso, como político, milhares de libaneses viram a imigração como uma saída. A América afigurava-se-lhes como uma terra de promessas de sucesso, como tal descrita nas cartas dos parentes que já tinham feito a travessia (cf. SAFA, 1960). Para emigrar, antes de 1926, os libaneses recebiam um passaporte do Império turco-otomano (cf. OLIVEIRA, 2001). Assim, os libaneses chegavam ao Brasil ou em outros países da América Latina com a identidade turca afixada nos documentos. Os primeiros imigrantes libaneses se revoltavam com isso, pois não desejavam ser confundidos com o povo que os dominava, que os obrigara, em muitos casos, a deixar o país de origem. Mas, eram chamados de “turcos”, o mais das vezes com um acento pejorativo. *Não “turco” – que já o deixava indignado, embora houvesse uma explicação. Não bastava o domínio turco que durante tanto tempo... tanto tempo...* (p. 99).

O historiador Jeffrey Lesser (1999, p. 41) lembra o dito popular brasileiro que diz que, ao chegar, uma pessoa do Oriente Médio era “turca”. Depois de conseguir um trabalho estável, passava a ser “sírio”. Se, por ventura, conseguisse abrir uma loja ou montar uma fábrica era transformada em “libanês”. Salienta o pesquisador norte-americano que o mais

⁷ Do árabe Marun, o nome do patriarca fundador de comunidade árabe cristã, que segue ritos próprios.

importante, no entanto, é saber quando se transformam em brasileiros, já que a negociação identitária, que, de resto, tem de ser entabulada por todo imigrante e, num sentido amplo, por todos, imigrantes ou nativos, é o que realmente importa. (*E por uma motivação fundamental: é que, por mais que às vezes negue, ele não pode se imaginar fora do Brasil, brasileiro por opção*) (p.150).

No quadro teórico contemporâneo, a palavra “assimilado” guarda uma conotação negativa. Não era o caso, porém, no período anterior às duas grandes guerras.

(...) durante o século XIX, para a maioria, ‘assimilação’ estava longe de ser nome feio: era o que um grande número de pessoas esperava conseguir, especialmente os que desejavam entrar para as classes médias. Uma óbvia razão pela qual os membros de algumas nacionalidades recusavam-se a ser ‘assimilados’ era a de não lhes permitirem tornar-se membros da nação oficial (HOBSBAWN, 1988, p. 216).

Muitas vezes, o tornar-se brasileiro manifestava-se como um contra-discurso, crítico com relação à situação política, dando ao leitor do romance claras balizas históricas.

(...) agora, o golpe militar, a ditadura, que atingiu nossa família, como foi que Jango se deixou iludir, será que não via... só um cego se enganar assim. Gostaria de viver e viver um país mais fraterno, sem tantas desigualdades, mais solidário. (...) E por um motivo fundamental: é que, por mais que às vezes negue, ele não pode se imaginar fora do Brasil, brasileiro por opção. Aqui deitou raízes, aqui está enterrada a mulher, sua filha Fádua, aqui estão abrindo caminho seus filhos e não demora os filhos de seus filhos (p.150).

Ou ainda, na apresentação de uma postura crítica diante das contradições que configuram o espaço social brasileiro, desconstruindo, inclusive, o discurso-chavão sobre a prodigalidade da terra:

Fica a indagar dos filhos, me digam, até hoje, não entendo, como é que num Brasil tão grande e de tantas riquezas, onde se plantando, dizem, tudo dá, se importa gêneros alimentícios, continua existindo tanta miséria, gente sem terra, gente passando fome, gente não tendo o que comer nem onde dormir (p.150).

Estabelece-se, então, um processo de trânsito identitário, indispensável para a vida na nova terra. Tal negociação inicia-se pela marca maior da identidade : o próprio nome, o nome próprio, que, traduzido, modificado, tomado como xingamento, obliterado, revela as oscilações entre aceitação e rejeição pela comunidade: o cunhado Hanna passa a ser João; Yussef, abasileirado para José, ou Seu Zé Gringo, ou Zé Turco, pelas costas; Yusé, mistura de Yussef e José; Josef, quando dono da venda na comunidade alemã do sul do país. Aí, na comunidade formada por outro grupo étnico de imigrantes, a aceitação inicial da família libanesa, sem motivo aparente, transforma-se em rejeição: o imigrante libanês, o outro, passa a ser “o outro do outro”, isto é, transforma-se em alvo da xenofobia de imigrantes mais antigos no país:

(...) esse estrangeiro, esse turco, chegou ontem e nos tomou a clientela, sem se lembrar que também eles eram imigrantes, ou filhos, ou netos de, passaram a chamar o pai de turco, de gringo (p. 98).

Outra característica fundamental dos imigrantes libaneses era a conservação da memória da aldeia, como um índice que os compensava da fraca identidade nacional (cf. TRUZZI, 1997), uma vez que a República Parlamentar Independente do Líbano somente foi proclamada em 1946. (...) *minha mulher, a minha falecida Tamina era Athye, de Amiun,*

família conhecida, considerada. Eu de Kfarssouroun, perto de Amiun, lugarejo bem menor (p. 20). Entende-se, pois, a razão da força que tem entre eles a memória da aldeia, com valor inclusive de território nacional.

A fascinação exercida pela Ásia sobre o Brasil veio de Portugal que, em 1511, se transformou no primeiro poder marítimo europeu a estabelecer relações com o império chinês. De acordo com os intelectuais portugueses e brasileiros do século XIX, os asiáticos eram exóticos, essencialmente diferentes dos africanos e considerados como superiores na hierarquia social (LESSER, 1999, p. 14). No entanto, a presença árabe, em larga escala, só pode ser sentida no Brasil no século XX. A ocupação da península ibérica pelos árabes, por sete séculos, deixou marcas profundas em espanhóis e portugueses. Veja-se que a língua portuguesa tem grande número de palavras de origem árabe, registradas desde a Carta de Caminha pelos historiadores (cf. BUENO, 1998, p. 95). Na argumentação para serem aceitos como brasileiros, estes elementos eram sempre lembrados pela comunidade sírio-libanesa no Brasil e marcada igualmente no espaço literário.

E os tesouros da ciência árabe na biblioteca de Alexandria? E da civilização plantada na península ibérica, em terras da Espanha e Portugal, o esplendor daquela era, cujos reflexos se fazem sentir até nossos dias? É visitar Sevilha, Córdoba, Granada; é compreender que quase um quarto do falar espanhol (e português) tem raízes árabes (p.163).

Os primeiros imigrantes libaneses que vieram para o Brasil faziam uma travessia muito difícil, em navios com péssimas condições de higiene, passando fome e expostos a doenças. Muitas vezes, eram enganados pelas companhias de navegação e acabavam chegando à “América errada”. Compravam passagem para a América do Norte, mas, chegando ao Brasil, eram informados de que teriam de pagar por uma segunda etapa da viagem para chegar aos Estados Unidos. Muitos, sem dinheiro para prosseguir, ficavam por aqui mesmo, formando um núcleo étnico. Com trabalho árduo, logo mandavam dinheiro para os familiares, nos países de origem. No relato de Salim Miguel, reproduzem-se tais

acontecimentos registrados pela história da imigração: condições precárias do navio, confusão no embarque, a frustração pela impossibilidade de emigrar para a outra América, a ajuda recebida dos irmãos da mãe, já estabelecidos nos Estados Unidos.

No começo, a imigração de libaneses foi lenta e irregular (cf. KNOWTON, 1961, p. 37). A partir de 1910, o fluxo imigratório aumentou consideravelmente, com um decréscimo nos anos da guerra, para incrementar-se novamente entre os anos 20 e 30. Foram para quase todas as regiões brasileiras (cf. KEMEL, 2000), inclusive para a Amazônia e para o centro-oeste brasileiro. O personagem central do romance em foco estabelece-se com a família em várias cidades brasileiras antes de fixar-se em Florianópolis. No Brasil, como foi muito comum entre os “patrícios” emigrados do Oriente Médio, recorre ao auxílio inicial de parentes e de outros imigrantes.

De quem poderiam os imigrantes esperar auxílio, em sua nova vida, estranha e desconhecida, senão de parentes e amigos, de gente da antiga terra? (...) Assim é que a ‘nacionalidade’ se tornava uma verdadeira rede de relações pessoais e não uma comunidade imaginária (HOBSBAWN, 1988, p. 218-219).

Os que vinham primeiro, como nos indica a bibliografia sobre a imigração libanesa, davam suporte material e afetivo aos que “iam chegando”, ensinando-lhes a arte de mascatear, os macetes da língua, as peculiaridades do novo espaço.

Yussef, assim que desembarca com a família no Rio de Janeiro, aloja-se por uns tempos na casa de um conhecido de seus parentes do Líbano, antes de ir para a casa da irmã, no interior. Com este patrício, experimenta a pinga, a dar uma primeira “dose para o santo”, aprende a andar pela cidade, recebe uma ajuda inicial, tudo isto em troca de notícias – partilhadas por outros imigrantes da redondeza – sobre os parentes deixados para trás no Líbano.

Os imigrantes libaneses voltavam-se para o comércio, concentrando-se em determinadas ruas ou bairros. Como vendedores de miudezas, percorriam o interior. Eram os mascates, os cometas, “o turco da prestação”, marcando com as denominações, a

característica itinerante de sua atividade: “*Não havia outra saída. De novo, o mascatear, fosse em que parte do Brasil fosse*” (p.112). A abertura de lojas de tecidos ou armarinhos só ocorria depois de algum acúmulo de capital, ficando os árabes conhecidos como os criadores do comércio popular no Brasil. “*1932: chegada a Biguaçu. A família se instala na casa de um patrício que se encontrava para alugar. A casa: na frente a vendola, nos fundos a acomodação da família, ali pertinho o rio*” (p. 115). Outra marca destes primeiros imigrantes foi o investimento na escolarização dos filhos, sobretudo nas profissões de engenheiros, advogados e médicos, muitas vezes investindo na atividade política. O grande desejo é o de tornar-se brasileiro, com uma identidade “não hifenizada”, ser tomado como tal, mesmo que de maneira provisória, reveladora da oscilação entre a vontade de ser reconhecido na sua diferença e de ser incorporado ao “nacional” (cf. LESSER, 1999).

É interessante recuperar a imagem que estes estrangeiros faziam do Brasil e do espaço brasileiro. No imaginário dos imigrantes, contraditoriamente se mesclavam uma visão do país como terra promissora, de possibilidade de redenção da situação de penúria, de desemprego ou fome vivida na terra natal, mas também como uma terra de bárbaros. Era muito comum entre os libaneses que imigravam para o Brasil a promessa, quase sempre cumprida, de mandar buscar a família, assim que se estabelecessem com um mínimo de condições. As dimensões continentais do país não podiam sequer ser imaginadas, o que muitas vezes gerava confusões entre os que saem e os que ficam. A Yussef é pedido que “dê um pulinho” de Biguaçu, no sul do país, até Mato Grosso. O país assim é “imaginado”, marcando-se este imaginário com os estereótipos que até hoje, em grande parte, condicionam a visão do europeu sobre o Brasil:

(...) o que se sabia do Brasil é que era uma terra selvagem, de negros, de bugres, de índios antropófagos, de bichos perigosos, de cobras que comiam um homem inteirinho, de doenças mortais, o que podia ter acontecido com os nossos, melhor saber do que ficar na dúvida, Allah Akbar não permita uma desgraça, sim, Deus é maior, vai protegê-los, mesmo que sejam uns irresponsáveis e uns ingratos, não davam notícias,

nem mandavam um dinheirinho, mas isso era o de menos, não chamavam para o Brasil, conforme combinado, parentes à espera de viajar, sonhando com a viagem, ou então... (p. 114).

Colocar questões sobre a construção da etnicidade do imigrante abre janelas para se compreender a identidade nacional brasileira. Desde o seu início, as políticas imigratórias para o Brasil, seja para substituição do braço escravo nas lavouras, seja para o trabalho mais especializado nas fábricas como exigência da complexificação da economia brasileira, faziam dos contingentes de imigrantes alvo das discussões e reflexões sobre o impacto que trariam na identidade nacional. Os debates sobre os benefícios ou malefícios da vinda de imigrantes asiáticos para o Brasil apaixonaram os espíritos e suscitaram posicionamentos os mais acalorados.

A intelectualidade da época tinha como certo que imigrantes brancos criariam uma identidade nacional semelhante à europeia o que influenciaria a população nativa e desbastaria a origem africana com sua pretensa "superioridade" (LESSER, 1999, p. 6). A política de uma única "raça nacional", baseada na eugenia, no desejo de branqueamento da população, a princípio, favoreceu a entrada no país de imigrantes alemães, portugueses, espanhóis e italianos, embora os dois últimos trouxessem consigo o medo da propagação das ideias anarquistas. Imigrantes libaneses pertencentes às elites argumentavam que seu grupo era etnicamente branco, e como tal deviam ser incluídos no rol dos imigrantes desejáveis. Outras vezes propunham que ser branco não era essencialmente um componente da brasilidade, promovendo a ideia de que o Brasil progrediria tornando-se "mais árabe", o termo equivalendo a mais produtivo economicamente e/ou super nacionalista. Entre os libaneses, como uma estratégia de negociação de uma nova identidade, prevaleceu o sentido de ser diferente, embora na similaridade, tirando o maior partido ao abraçar, simultaneamente, uma imaginada nacionalidade brasileira uniforme e sua própria etnicidade. Evidentemente, como sempre que se fala em "identidade", a desses imigrantes é múltipla, configurando-se sua afirmação num fluxo constante de negociação (LESSER, 1999, p. 2-3).

Entre 1872 e 1949, 4,55 milhões de imigrantes entraram oficialmente no Brasil, trazendo consigo sua cultura de origem e, ao mesmo tempo, criando novas identidades étnicas. Mas, segundo Lesser, foram os 400.000 asiáticos, árabes e judeus os que mais desafiaram as noções de uma identidade nacional pura, própria das elites (LESSER, 1999, p. 7), sendo o grupo que maior sucesso teve em “se tornar brasileiro”.

Diz-nos Sayad (1998, p. 55) que o trabalho singulariza o imigrante, é a sua justificativa. O trabalho literário é uma das vias de recuperação e registro dessas vozes migrantes, expressão de tantas memórias, “tradução de vidas traduzidas”, luta contra a morte e o silêncio.

Palavras soltas vão se espalhando, compondo um insólito quadro pelo quarto do doente, pela sala, extravasam até se perder ao longe: qaria, habib, vive maut, salam aleikun, luz/nur, kifak, bem, ab, ibn, filho, ahabba, gostar sim, dikra, lembrança, meu ab, meu pai, oms, mãe me prepara lábnia de leite de cabra, me dá um jar’a, só mais um gole de arak (p. 256).

A negociação mútua, com duplo sinal entre o próprio e o outro, entre o estrangeiro e o nacional, registrando memórias variadas e contraditórias nos seus movimentos de afirmação e negação, elege o sempre migrante espaço da literatura como um polifônico ponto de encontro de migrações de gentes e palavras.

O texto de Salim Miguel faz-se, pois, espaço em trânsito de histórias e “estórias”, de palavras híbridas, de memórias iluminadas.

Referências Bibliográficas

BUENO, Eduardo. *A viagem do Descobrimento: a verdadeira história da expedição de Cabral*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

CURY, Maria Zilda Ferreira. *Navio de imigrantes, identidades negociadas*. Coleção Memo Ensaio/Ficção. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2002.

FAUSTO, Boris. Imigração: cortes e continuidades. In: SCHWARCZ, Lília M.(org.) *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOBBSAWN, Eric. *A era dos impérios: 1875-1914*. Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

KEMEL, Cecília. *Sírios e libaneses: aspectos da identidade árabe no sul do Brasil*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000.

KNOWLTON, Clark. *Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial*. São Paulo: Editora Anambi, 1961.

LESSER, Jeffrey. *Negotiating National Identity: Immigrants, Minorities and the Struggle for Ethnicity in Brazil*. Durham and London: Duke University Press, 1999.

MIGUEL, Salim. *Nur, na escuridão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

RUSHDIE, Salman. *Imaginary homelands: essays and criticism 1981-1991*. London: Penguin Books & Granta Books, 1992.

SAFA, E. *L'emigration libanaise*. Beirute: Université Saint-Joseph, 1960.

SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração: ou os paradoxos da alteridade*. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: EDUSP, 1998.

TUAN, Yi-fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

TRUZZI, Oswaldo Mário S. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1997.